



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A FORMAÇÃO DOCENTE NESTA MODALIDADE DE ENSINO

Rosicléia Jesus da Silva*
(UESB)

Gleyssy Kaelly de Souza Soares**
(UESB)

Tadeus Dias Duca***
(UESB)

Glauber Barros Alves Costa****
(UESB)

RESUMO

Na sociedade brasileira inúmeros elementos contribuem para a evasão escolar de boa parte da população antes da conclusão do ensino básico, tornando de extrema importância conhecer e analisar as propostas de ensino que o governo dispõe para amenizar o problema da falta de acesso desta população à escola na idade correta, bem como conhecer o que os alunos aos quais são dirigidos os programas de Educação de Jovens e Adultos pensam a respeito. É importante também, conhecer o olhar do professor da EJA sobre a modalidade de ensino. No que tange o ensino de Geografia, o presente trabalho busca analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) direcionados ao ensino desta disciplina na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Bem como busca compreender também o olhar dos professores desta modalidade de ensino, e as perspectivas destes profissionais. Este trabalho foi desenvolvido com base em revisão de literatura acerca do ensino para jovens e adultos, estudo dos PCNs de Geografia para EJA, e também com a distribuição de questionário para dez alunos de uma turma de EJA do último ano do ensino fundamental II, e por fim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três professores da modalidade de ensino EJA. Nos resultados ficou evidente que o discente desta série da EJA está preocupado com o “tempo perdido” e quer recuperá-lo fazendo duas séries no mesmo ano. Quanto aos docentes, há acomodação por parte destes, por não lidarem com alunos que exijam sempre atualização dos conhecimentos, visto que os alunos pouco interagem com as aulas.

* Graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia. Bolsista PIBID-CAPES. E-mail: rosisilva93@yahoo.com.br

** Graduanda em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia. Bolsista PIBID-CAPES. E-mail: gleyssysoares12@hotmail.com

*** Graduado em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: td.duca@yahoo.com.br

**** Prof. Msc. do Colegiado de Geografia UNEB campus VI. Coordenador PIBID Geografia CAPES. E-mail: glauberbarros@hotmail.com



PALAVRAS-CHAVE: EJA. Formação de professores. Geografia.

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo a forma como a escola e sua estrutura se organizam passaram por mudanças, seja no foco ou no método de ensino, apesar de nem sempre essas mudanças estarem atreladas a necessidades de mudanças educacionais demandadas pela sociedade. Compreendendo que educação é direito de todos e dever do estado e da família, nos atemos ao fato de quem nem todos têm acesso à educação como forma de ensino ministrada nas escolas, em sua idade adequada. Por isso é importante conhecermos as formas que o governo tem proposto a diminuição do número de pessoas que não possuem escolaridade compatível à sua idade.

O presente trabalho além de caracterizar historicamente o ensino voltado aos jovens e adultos no Brasil, objetiva também compreender a organização das diretrizes curriculares voltadas ao ensino de Geografia na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, além de buscar entender quais desafios os professores que atuam nesta modalidade de ensino enfrentam quanto ao nível dos alunos para os quais lecionam. Este trabalho procurou entender também os motivos que levaram os alunos da EJA a buscarem esta forma de ensino, para perceber se os objetivos estão sendo mesmo alcançados.

CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Com objetivo alcançar cada vez mais alunos, as variáveis envolvidas no processo educacional no Brasil passaram por diversas mudanças, todas elas em períodos históricos diferentes, incluindo nessas reformas a EJA (Educação de Jovens e Adultos),



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

todas as formas de ensino do país visam o desenvolvimento educacional e intelectual de cada um de seus sujeitos, para isso, métodos diversos são utilizados.

A educação de jovens e adultos tem uma longa história começando a sua trajetória na década de 1940. Foram criados vários programas partindo do governo federal, estadual e local com intuito de alcançar um grande número de pessoas alfabetizadas, se estendendo das décadas de 1940 a 1950.

Alguns estudiosos, afirmam que a educação de adultos tem dois pontos positivos, um diz respeito a população sair do analfabetismo e o outro é o de contribuir com a melhoria da educação infantil, já que tendo pais alfabetizados influi de forma significativa na educação da criança. Nota-se que muitos programas educacionais voltados para os adultos também utilizavam da mesma metodologia para o ensino infantil, não levando em consideração as particularidades daqueles.

No início da década de 1960 começou uma grande campanha para a alfabetização em massa da população brasileira, motivada pelas exigências do mercado de trabalho, que como característica necessitava de mão de obra qualificada. Dessa forma, foram criados programas voltados para a população adulta baseadas nas ideias do educador Paulo Freire.

Segundo Aranha (1996)

[...] O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo – se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra. (p. 209)

Partindo dessa lógica os adultos sempre trazem algo da sua vida cotidiana para a sala de aula e, mesmo que não domine a linguagem escrita, tem consciência de sua necessidade e importância, bem como entende que a falta da escrita coloca-lhe a margem da sociedade, para inserir-se neste contexto é importante que se faça uma



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

mediação entre o vivido e as novas formas de inclusão, que nesse caso refere-se a alfabetização.

Um momento histórico marcante na história da alfabetização de adultos no Brasil refere-se ao período militar, onde se descontrói o que até então tinha sido feito pela diminuir o analfabetismo no país. No final da década de 1960, cria-se um novo programa de alfabetização o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) voltado para grande parcela de adultos analfabetos com o intuito de diminuir a população que estava a margem da sociedade alfabetizada. Esse programa tinha uma linha diferente dos anteriores, com um grande investimento de recursos financeiros vindo do governo federal e que se estendia a todo país com a comissão municipal responsável pela atividade; esse programa atuou até a década de 1970, mas com o passar dos anos foi alvo de críticas e deixou de operar.

As mudanças ocorridas na legislação educacional fez com que aumentasse o número de alunos nos cursos de educação de jovens e adultos, devido a mudança na faixa etária dos alunos que deveriam estar na educação básica, o que fez surgir novas modalidades de ensino onde pode ser citado o supletivo que deve adequar as necessidades do alunado. Segundo Paraná (2006)

O ensino supletivo foi apresentado, em princípio, como uma modalidade temporária, de suplência, para os que precisavam comprovar escolaridade no trabalho e para os analfabetos. Porém, tornou-se uma forma de ensino permanente, de oferta necessária, considerando a crescente demanda. (p. 19)

O supletivo é uma modalidade de ensino com certificação que segue os moldes do currículo do ensino regular sem nenhuma especificidade aos jovens e adultos, onde os alunos estudam os conteúdos em casa e vai à unidade escolar apenas para prestar o exame e tendo acertado a quantidade mínima exigida recebe a certificação o que lhe garante o ingresso ao ensino médio ou superior.

Com a promulgação a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96, a EJA ganhou espaço no meio educacional que passou a ser considerada como



uma modalidade de ensino da educação básica nos ensinos fundamental e médio com suas próprias características. Paraná (2006) afirma que

Tais Diretrizes superaram a visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto ou apto apenas a tarefa e funções ditas desqualificadas no mundo do trabalho. Além disso, reconheceram a diversidade cultural e regional, presentes nos diferentes estratos sociais, os quais são portadores de uma rica cultura baseada na oralidade. (p. 22)

Na estrutura brasileira as pessoas que não são alfabetizadas são consideradas como inferiores e fica a margem da sociedade, uma vez que é muito difícil a acessibilidade aos meios modernos que a população está inserida seja qual for o meio, desde um mercado, passando aos transportes e chegando até os meios sofisticados que o mundo moderno nos oferece como os bancos. Mas esses que por um motivo ou outro a vida lhes impôs a essas situações, eles trazem consigo um conhecimento imenso do cotidiano e cria novos métodos de adaptação do mundo moderno, e que deve se dar muita importância a sua oralidade uma vez que eles são capazes de perceber de uma forma diferenciada o mundo e seu contexto social no qual está inserido.

Para que essa modalidade de ensino consiga alcançar níveis considerados ótimos, de aprendizagem é necessário que haja um envolvimento de todos os que fazem parte do processo educacional, e um dos passos a ser seguido para que no futuro possa dar um resultado significativo é trazer a realidade de cada aluno para a sala de aula e adaptando os conteúdos curriculares as experiências já vividas pela clientela, que não se distancie do mundo real conhecido pelos alunos e aproveite o contexto social que eles estão inseridos, sem perder de vista os propósitos da escola.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN) DE GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram criados com o intuito de estabelecimentos de princípios relativos ao respeito das diversidades regionais, culturais e políticas do país, assim como servir de referência nacional comum ao



processo educativo em todas as regiões. Proporcionando aos jovens oportunidades de construção de conhecimentos reconhecidos amplamente no âmbito social.

No que se refere à modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, segundo Brasil (2002) a Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação tem oferecido material pedagógico de base para a Educação de Jovens e Adultos no 1º seguimento (de 1ª ao 5º ano/ 1º e 2º ciclos), já no que se refere ao 2º seguimento (do 6º ao 9º ano/ 3º e 4º ciclos) os materiais disponibilizados são os mesmo dos PCNs do Ensino Fundamental regular, o que, segundo o autor tem provocado uma imensa demanda frente à Coordenação de Educação de Jovens e Adultos (COEJA) de materiais adequados ao público que a EJA atende.

A demanda por materiais que se adequem ao público que a Educação de Jovens e Adultos é compreensível uma vez este público, em sua maioria, possui um contexto sociocultural diferente daqueles que frequentam as séries do ensino regular, necessitando assim de propostas de trabalho diferentes das que convencionalmente são aplicadas no ensino fundamental. Por isso Gomes (2005) afirma que “[...] a educação de jovens e adultos tem sido no Brasil, um tema polêmico e controvertido desde os primeiros momentos em que começou a ser pensada em suas especificidades em relação ao ensino regular” (p.125). Isso porque, para o autor, a especificidades da EJA não foram levadas em conta nos diferentes momentos históricos em esta foi pensada.

Quanto ao ensino de Geografia, tendo em vista que uma das possibilidades que o ensino de Geografia deve proporcionar ao aluno é a compreensão crítica da realidade que o cerca, cabe ao professor saber não apenas os conteúdos geográficos, mas é necessário que este saiba como e porque ensinar Geografia. Segundo Brasil (2002)

O ensino de Geografia proposto no PCN mostra que não basta dominar o conhecimento geográfico para o professor desempenhar seu papel em sala de aula. Ao escolher os Conceitos e categorias de análise geográfica a serem colocados como objeto de ensino e pesquisa nas diferentes séries de EJA, é preciso que o professor tenha clareza de como ensinar e para que ensinar Geografia, tendo competência para agir com eficácia pedagógica, facilitando o processo de ensino aprendizagem



de cada aluno, respeitando as diferenças sociais, culturais e políticas (p.02).

De acordo com os PCN de Geografia, esta estuda as relações entre o processo histórico, que por sua vez regulam a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio do espaço geográfico, por isso é de suma importância que ao elaborar seus objetivos o professor tenha consciência de que o aluno traz consigo uma bagagem de vivências e histórias no espaço geográfico. Quanto a isso Brasil (2002) afirma que

Como atualmente a maioria dos alunos da EJA têm mais ideias e percepções sobre o mundo atual, o professor deve aproveitar essa característica para aprofundar suas capacidades de refletir sobre as mudanças e as permanências nos temas e sociedades em estudo. (p.305)

Para que o aluno aprofunde sua capacidade de refletir é preciso permitir que o ele sintase parte integrante na produção do conhecimento. É preciso ainda que os conteúdos trabalhados em sala de aula estejam relacionados ao cotidiano dos alunos, pois segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia para o terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental (1998) no terceiro ciclo “[...] a paisagem local e o espaço vivido são as referências para o professor organizar seu trabalho e, a partir daí introduzir os alunos nos espaços mundializados.” (p.51)

No que se refere ao quarto ciclo, os PCN afirmam que se deve buscar trabalhar com outros níveis de complexidades teórica e metodológica, aprofundando conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, uma vez nestas séries os alunos já percebem e compreendem relações mais complexas na sociedade.

[...] podendo compreender aspectos metodológicos da área quando estuda as relações entre sociedade, cultura, Estado e território ou as contradições internas que ocorrem entre diferentes espaços geográficos com suas paisagens (p.91).



Neste caso, o aluno da EJA mesmo que ausente da escola por algum tempo, longo ou curto, apresenta maturidade e experiência que lhe auxiliam na compreensão dos conteúdos trabalhos em sala de aula. Isto para Oliveira (2004) tem sido um dos problemas presentes no trabalho com a EJA, referindo-se ao fato de que muitas vezes, sem se importar com a idade dos alunos, os conteúdos curriculares são planejados do mesmo modo como são planejados para serem trabalhados com o ensino regular.

É preciso atentar-se para as adaptações necessárias ao para que se trabalhe com educação de Jovens e Adultos, visto que não se trata apenas da diferença de idade, mas também, e principalmente, se trata de alunos com experiências de vida acumuladas enquanto estava fora da escola, e que agora estes alunos retornam à sala de aula, com conhecimento popular capaz de contribuir para a aceção de conhecimento científico.

PERSPECTIVAS AVALIATIVAS NO CONTEXTO DA EJA

A avaliação é um dos temas mais importantes e discutidos atualmente. Sua concepção e práticas avaliativas deram-se de formas diferentes ao longo do processo educativo de cada época, como é o caso de exames e provas, usadas principalmente em colégios católicos e escolas protestantes do século XVI (CHUEIRI, 2008, p. 53). Tais práticas ainda são vistas nos dias atuais, mesmo com o despontar de teorias críticas no Brasil, principalmente entre as décadas de 70 e 80, que tiveram como marca o combate a tal ideologia, dando origem a uma visão mais qualitativa e processual sobre o assunto.

Independentemente da modalidade de ensino, a avaliação é tida como essencial no sentido de efetivação das propostas formativas das instituições, ou mesmo dos projetos educativos. Na EJA, o desenvolvimento dessas práticas pedagógicas necessita alinhar-se a compreensão do contexto sociocultural no qual o aluno se insere. “A escola no imaginário do educando da EJA, poderá suscitar várias representações, desde possibilidades de inserção social, de sociabilidade, até de atender as suas necessidades mais imediatas” (SOARES, 2014)



Para Moretto (2008, p. 52) “avaliar a aprendizagem é um processo que deve manter coerência com o processo da ‘ensinagem’, ou seja, o professor avalia o que o aluno aprende para poder criar novas e melhores condições para novas aprendizagens”. Na modalidade EJA, a avaliação deve se comportar de maneira mais ampla, levando em consideração a exemplo, as condições de vida, e/ou peculiaridades dos discentes. Nesse sentido, Moretto (2008, p.3) continua suas reflexões afirmando que a avaliação “é um momento privilegiado em que o professor recolhe dados para sua reflexão-na-ação com vistas a redirecionar seu processo de ensino”. Dessa forma, entende-se que o ato de avaliar não é um produto final, acabado, que visa atribuir uma valoração as atividades desenvolvidas de forma definitiva, mas sim possibilitar um entendimento, e possivelmente uma reorganização do processo de ensino-aprendizagem (prática pedagógica), como é apresentado por Britto e Lopes (2010, p. 128), quando afirmam que “a avaliação deve promover a clarificação sobre os objetivos, melhorando a comunicação, aumentando o conhecimento e lançando as bases para as atividades de acompanhamento”.

Dessa forma, compreende-se que, discussões inerentes a temática da avaliação, principalmente no contexto da EJA, deve ser tomada como fundamental, haja vista as peculiaridades dessa modalidade de ensino, que deve ser distanciada das posturas corriqueiramente “classificatórias” ainda presentes na atualidade. A avaliação, deve ser além de uma identificação de problemas por parte dos professores, mas principalmente um instrumento de intervenção nas práticas desenvolvidas, que incidem muitas vezes, não só na perspectiva de formação para o trabalho, mas sim em um plano de construção social do sujeito, tido como ser ativo e detentor de pensamentos particulares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das questões relevantes no contexto da EJA compreende o entendimento das motivações envoltas no processo de inserção e/ou permanência dos alunos nessa modalidade de ensino. Quando questionados sobre tal situação, a maioria dos discentes



relacionaram sua entrada na EJA por estarem atrasados nos estudos, nesse caso em específico, os alunos parecem estar inseridos em um grupo de estudantes que tiveram acesso a uma educação regular normal, porém, em algum momento e por motivos variados, tiveram o desenvolvimento das atividades educacionais comprometidas. Vale ressaltar ainda, que dois dos termos mais utilizados pelos alunos no sentido de procura por essa modalidade de ensino, refere-se a uma *“recuperação do tempo perdido”*, bem como, essa modalidade se apresentar como sendo (nos dizeres dos alunos) algo *“legal”*, com isso, estabelece-se uma lógica de aproveitamento dos estudos, relacionada principalmente a um ambiente favorável e compreensivo das realidades específicas dos alunos. Na concepção de um dos alunos entrevistados, a sua inserção na EJA justifica-se no fato de que: *“preciso terminar meus estudos, para que eu posso ter mais chance no futuro”*.

A partir do quadro 1, faz-se possível diversas análises. Uma das críticas (vista na resposta Nº 2) está relacionada com o fato de que o perfil dos alunos não corresponde totalmente ao vislumbrado pela modalidade em questão, já que, em muitos casos, a turma é composta basicamente por jovens, que teoricamente poderiam estar cursando a modalidade regular de ensino. Ao comparar as respostas dos demais entrevistados, observa-se que, tendo em vista uma educação de qualidade, deve-se atentar para a necessidade de inserção de profissionais adequados em cada área, que tenham ainda uma ampla visão pedagógica do ato de ensinar (especificamente na EJA).

De maneira geral, entende-se que, a entrada e permanência dos alunos compõem-se como parte do processo de efetivação do ensino-aprendizagem, mas não sua totalidade, o estabelecimento de estratégias condizentes com a proposta de ensino em questão, faz-se como elemento também importante. No que se refere à busca e efetivação de tais estratégias pelos professores de geografia, os alunos avaliam (cerca de 90%) como positivas as abordagens desenvolvidas em sala, isso se dá segundo os discentes, por elas serem geralmente dinâmicas e informativas, algo que em grande parte dos casos, relacionam-se com a realidade/vivência dos alunos.



CONCLUSÕES

É possível perceber que a modalidade de ensino Educação de Jovens e adultos, na sociedade atual não tem apenas o papel de alfabetizar pessoas que não tiveram acesso ao ensino regular na idade estabelecida pelas diretrizes educacionais brasileiras. Mais que a capacidade de decodificar códigos, os alunos que procuram esta modalidade tem como objetivo recuperar o tempo em que estiveram longe dos bancos escolares e conseguirem capacitação para ingressarem em um mercado de trabalho que cada vez mais exige mão de obra qualificada. Por isso, é preciso que os docentes atentem-se ao fato de que assim como os alunos da rede regular de ensino almejam sucesso profissional, os alunos da EJA também, cabendo a eles o papel de possibilitar formação adequada a estes alunos.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Proposta curricular de geografia para Educação de Jovens e Adultos** (segundo segmento ensino fundamental). Vol. 01. 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_livro_01.pdf - Acesso em 07/05/2014
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia** (terceiro e quarto ciclos). Brasília, SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf> - Acesso em 11/06/2014
- BRITTO, Luiz Percival Leme; LOPES, Celi Espasandin. Fundamentos e Princípios da Avaliação na EJA. In. SÃO PAULO (Estado). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Caderno de orientação didática para EJA: Alfabetização – Etapas alfabetização e básica**. São Paulo: SME/DOT, 2010. Disponível em: http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/BibliPed/Documentos/publicacoes/orienta_alf_portal.pdf - Acesso em: 22 de agosto de 2014.
- CHUEIRI, Mary Stela Ferreira. Concepção sobre a Avaliação Escolar. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 19, n. 39, jan./abr. 2008. Disponível em:



<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/ae/arquivos/1418/1418.pdf> - Acesso em 21 de setembro de 2014.

GOMES, I. do S. M. **A política Curricular brasileira para a Educação de Jovens e Adultos**: um estudo sobre as diretrizes e propostas curriculares elaboradas durante o governo Fernando Henrique Cardoso. Belém-PA, UFP, 2005. Disponível em: http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp099345.pdf - Acesso em 20/07/2014

MORETTO, Vasco Pedro. Os fundamentos das relações entre professor e aluno. In. _____. **Planejamento**: planejando a educação para o desenvolvimento de competências. 3. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. de. Pensando o Currículo na Educação de Jovens e Adultos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane (orgs). **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PARANÁ, Governo do Estado. **Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos**. Secretaria de Estado da Educação, SEED: Curitiba, 2006.

SOARES, Maria Zuleide Abrantes. **Avaliação da Aprendizagem Escolar na EJA**: Processo favorável à exclusão ou inclusão social? Disponível em: <http://www.catedraunescojea.org/GT03/COM/COM021.pdf> - Acesso em 21 de setembro de 2014.

QUADROS

Quadro 1: Respostas dos professores quando questionados sobre o desafio de atualização de seus conhecimentos.

Entrevistado	Resposta
Nº 1	Não em relação ao avanço em conteúdo, porém me sinto desafiado (a) em utilizar a metodologia que seja coerente com a realidade do EJA, pois a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade completamente diferente do Ensino Regular. Assim, não podemos avançar no conteúdo, uma vez que há turmas bastante heterogêneas, onde há alunos em que ainda estão sendo alfabetizados.
Nº 2	Não, por não concordar com o modelo e com o público alvo.
Nº 3	Sim, porque não sou formada em geografia (história). Mas é mais fácil porque a história parece com a geografia, porém, foco na parte humana.

Fonte: Pesquisa de campo